

TRABALHO E QUIMERAS: DILEMA VIVIDO PELO JOVEM OPERÁRIO*

Cristiane A. Fernandes da Silva**

Resumo: A inserção prematura do jovem trabalhador no mundo do trabalho visa o complemento da renda familiar, a afirmação de sua autonomia e a efetivação do valor simbólico que confere ao trabalho. Contudo, a pertença a um estrato de classe de baixa renda, sua pouca qualificação educacional, sobremaneira profissional, e as escassas oportunidades que lhes são oferecidas pelo mercado de trabalho, constituem obstáculos para que esse jovem ocupe um ofício que o satisfaça subjetivamente. A abordagem desta pesquisa consiste em enfocar e esquadriñar o conflito entre trabalho real e anseio subjetivo e as estratégias que os jovens operários utilizam para sobrepujá-lo, à medida que procuram delinear suas identidades de trabalhadores.

Palavras-chave: trabalho; jovem; operário; valor; subjetividade; profissão.

INTRODUÇÃO

O modo mais fecundo de debater o valor do trabalho, atualmente, consiste em não o restringir unicamente ao seu *estatuto de mercadoria*, ao seu caráter quantitativo (SCHWARTZ, 1996, p. 151). Para investigar o trabalho humano, as esferas qualitativa e a quantitativa devem ser levadas em consideração, ou seja, há que se levar em conta tanto o valor econômico do trabalho quanto o valor simbólico para o trabalhador.

A significação do trabalho é enfatizada por “sua historicidade, como relação social fundamental que não se reduz à ocupação, tarefa, emprego” mas “não os exclui, e que abarca o conjunto de relações produtivas, culturais, lúdicas, etc” (FRIGOTTO, 1995, p. 24). Portanto, a análise sociológica considera as relações sociais por meio das múltiplas dimensões vividas pelos indivíduos.

* Este artigo deriva da dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 2002 no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo – USP.

** Doutoranda em Sociologia no programa de pós-graduação em Sociologia da USP.

Ferretti (1988ab) salienta que os jovens provenientes das “classes subalternas” não escolhem sua ocupação no mercado; antes, é o mercado que a escolhe para esses trabalhadores. Esse cenário social no qual a força da mercadoria traça a trajetória ocupacional dos jovens oriundos de grupos de baixa renda, traz à tona a necessidade de elucidar a problemática da satisfação no trabalho.

Propõe-se aqui a investigar a (in)satisfação dos trabalhadores em seu ambiente de trabalho, a existência ou não de *astúcias* (CERTEAU, 1994) individuais, para superarem possíveis ocupações profissionais indesejadas.

Visando examinar de que forma o trabalhador se situa, se percebe e se resolve na relação conflituosa entre o trabalho vivido e o quimérico, aqui se elege o jovem operário como objeto de estudo.

O problema sociológico em questão é o de deslindar o modo como, no seu cotidiano, o jovem operário lida com as possíveis contradições existentes entre o que ele gostaria de ser e o que ele realmente acaba sendo no seu fazer.

A dicotomia profissional vivida pelo jovem sinaliza a existência e a permanência do conflito entre capital e trabalho (ANTUNES, 1995, p. 92-93), porém remetido a um âmbito mais miúdo, a saber, aos embates individuais dos trabalhadores diante das mudanças no mundo do trabalho.

O fato de o jovem operário viver uma contradição entre trabalho exercido e quimérico não significa que ele tenha “alergia ao trabalho”¹ enquanto uma atividade genérica na qual o ser humano se ocupa para produzir objetos ao mundo. Esse jovem vive uma ambigüidade em que, por um lado, está descontente com relação ao trabalho específico que desempenha, ou seja, vive a insatisfação remetida exclusivamente à ocupação de operário e, por outro, o deleite de estar realizando um trabalho e, com isso, podendo alcançar o apreço dos seus pares.

Nesse sentido, poder-se-ia questionar e objetar a idéia, atualmente difundida, de que o trabalho deixou de representar um meio significativo para pensar as identidades dos indivíduos, já que, pelo que se percebe, o trabalho continua sendo uma referência expressiva por meio da qual os indivíduos se diferenciam e atribuem significado à sua vida².

METODOLOGIA DE CAMPO

Para averiguar na realidade social a configuração do tema proposto realizou-se trabalho de campo com jovens operários, que compõem o mercado de trabalho formal do setor industrial. Considerou-se salutar a observação direta do cotidiano familiar dos jovens e a “espontaneidade” da narração de suas experiências de vida. Assim, definiu-se a necessidade da escolha de um método de pesquisa que per-

¹ O representante mais conhecido da tese da alergia ao trabalho pelos jovens é Jean Rousselet.

² Heloísa Martins destaca que “na sociedade brasileira, o trabalho ainda se afirma como um *valor cultural e simbólico*” (1997, p. 104), logo, portador de sentido moral para os indivíduos.

mitisse um contato direto e uma relação mais informal com os pesquisados³ do que aquela que se estabelece no interior de uma fábrica, daí a escolha pelo método *rede social*.

Organizou-se uma *rede social* de relações para localizar os pesquisados por meio de indicações deles próprios, iniciando uma relação, a mais imparcial possível, com um jovem contatado, isenta, especialmente, de possíveis influências da chefia de seu ambiente de trabalho.

Rede social é definida como um “conjunto de relações que ligam pessoas, posições sociais [...], grupos e organizações” (JOHNSON, 1997, p. 190). Conforme Both (1976), uma das precursoras desse conceito, na Inglaterra, uma das maneiras em que o uso de rede na pesquisa social tem se colocado é como um método de pesquisa das ligações sociais no interior de uma unidade básica estudada.

A coleta de dados efetivou-se com a técnica de observação direta, no estabelecimento de contato imediato com os indivíduos investigados por meio da realização de entrevistas gravadas e de caráter semidiretivo. Usou-se um formulário contendo indagações classificadas, em seis blocos temáticos e cronológicos. (THIOLLENT, 1982, p. 32)

Com o intuito de analisar as singularidades dos indivíduos, a presente investigação colheu testemunhos de jovens espalhados em sete diferentes cidades da região metropolitana de São Paulo⁴.

Os jovens estão distribuídos na faixa etária de dezoito a vinte e quatro anos, os dois gêneros fizeram-se presentes, sendo seis mulheres e quatorze homens. Esses jovens são operários, com vínculos direto ou indireto com a produção fabril, nos setores metalúrgico, químico, moveleiro e de vestuário. As empresas das quais fazem parte apresentam tamanhos de pequeno, médio e grande portes, variando de trinta a dezesseis mil funcionários. Suas ocupações são as de ajudante de produção, eletricista, torneiro mecânico, operador de furadeira e de máquina, inspetor de qualidade e ferramenteiro.

TRABALHO, VALOR E QUIMERAS

O Hábito de Trabalhar

A imagem dos pais é sempre apreciada pelos jovens como um forte referencial para construírem os seus próprios valores, principalmente aqueles relativos ao trabalho. Crescer vendo os pais trabalharem, levantarem cedo todos os dias, ouvi-los opinarem sobre o lugar do trabalho nas suas vidas faz parte do cotidiano desses jovens, tornando seus pais espelhos para si próprios.

³ Na abordagem de Bourdieu pesquisar pessoas conhecidas assegura uma comunicação “não-violenta” por intermédio da não objetivação das razões subjetivas do pesquisado e do imediato entendimento dos seus sinais não verbais (1987, p. 697).

⁴ Zona leste e oeste da cidade de São Paulo, Jandira, Mauá, Cotia, Osasco, Santo André e São Bernardo do Campo, durante o período de final de agosto a início de dezembro de 2001.

Pela força do hábito, o trabalho é introjetado no cotidiano da criança e do jovem, de tal forma que se torna naturalizado nas suas atitudes, sendo concebido como uma obrigação de todos. Dauster (1992) avalia o ato de trabalhar, entre as camadas populares, como um princípio de socialização, uma regra, uma prática coletiva cultural transmitida de pais para filhos e vivida enquanto uma obrigação desde a infância, por decorrência, como algo natural.

Além de ser naturalizado no cotidiano, o trabalho é também apreendido, valorado e usado como forma de evitar desvios morais e, por conseguinte, atua como regulador dos comportamentos e ponto de equilíbrio da convivência e relações sociais.

Dessa forma, o exercício do trabalho acaba por atuar como fator que propicia certa saúde mental e a própria segurança pública. Ao ocupar o tempo trabalhando, o indivíduo consegue atingir certa harmonização psicológica, ao subtrair sua atenção de situações que possam desarranjar as relações sociais e, ao mesmo tempo, controlar seus atos evitando cometer violências.

Em decorrência desse significativo hábito de trabalhar apreendido pelos jovens, embora também prezando a educação, demonstraram valorar mais a esfera do trabalho do que a escolar, em especial daqueles jovens dotados de menos condições socioeconômicas.

O hábito de trabalhar também permite a atribuição de sentido à vida. As longas horas passadas no ambiente fabril, a troca, mesmo quando temporânea, da casa pela fábrica, da família pelos companheiros de trabalho, do estudar pelo labutar, traz, em contrapartida, o preenchimento do sentido do viver para esses jovens. São horas, convivências, lembranças e valores que se preenchem, permitindo traçar um rumo para seu dia-a-dia, tendo como referencial o cotidiano da própria fábrica.

O aprendizado, o hábito e o gosto pelo trabalho não se justificam exclusivamente pela atividade que esses jovens realizam, mas, antes, pelo que deixam de fazer e ser. O título de trabalhador, em antagonismo ao de desempregado, imprimi-lhes a marca do orgulho. Esse título retira o indivíduo da nulidade e concede-lhe um referencial, um lugar, uma parcela de cidadania; deixa de ser indivíduo e passa a ser pessoa, cujo papel social de trabalhador tem o reconhecimento e respeito de toda a sociedade.

O Cenário do Labor

Foi ainda na adolescência, em torno dos quinze anos de idade, que esses jovens iniciaram sua vida ativa. Apenas um quarto deles começou a trabalhar depois de já ter terminado o ensino médio. Assim, a grande maioria aprendeu desde cedo a conciliar trabalho e estudo.

Dois foram os motivos alegados que os levaram a entrar no mercado de trabalho, atuantes, mais ou menos na mesma proporção: a busca de independência e a necessidade de ajuda à família. (MADEIRA, 1989, ABRAMO, 1994)

Aqueles que começaram a trabalhar para adquirir independência dizem que o fizeram por “livre e espontânea” vontade, sem haver qualquer pressão da família, explícita ou implícita. Trata-se de famílias que tinham condições razoáveis para manter seus filhos, sem necessitarem que estes entrassem no mercado de trabalho para ajudarem no orçamento doméstico. Os jovens preferiram fazê-lo para alcançar o *status* de autonomia financeira e pessoal, adquirindo seus próprios pertences, sem terem de recorrer ao financiamento e opinião paternos.

Os jovens que começaram a trabalhar com o objetivo de ajudar no rendimento familiar são aqueles que o fizeram precocemente, ainda na menoridade, exercendo desde o trabalho infantil até o trabalho na adolescência, sem formação profissional condizente com a função praticada, portanto, em uma situação de trabalho instável e mal-remunerado, usufruindo direitos trabalhistas precários. Também fazem parte dessa segunda classificação aqueles jovens que recorreram à atividade remunerada com o fim específico de bancarem seus estudos posteriores ao ensino médio, tanto do ensino profissionalizante como de curso universitário.

Algo similar está presente no cotidiano dos integrantes desses dois grupos, aparentemente tão distintos: em ambos está manifesto o orgulho perante a família, por estarem trabalhando. Para os que trabalham para ajudá-la, o orgulho vincula-se à sua capacidade de contribuir para o sustento da família. Os que trabalham para arcar com seus próprios gastos, inclusive os dos estudos, orgulham-se por poderem fazê-lo sem o auxílio financeiro dos pais.

Destacam-se dois casos exemplares de trabalho infantil surgidos entre os entrevistados. Um, aos sete anos de idade (Wellington) e outro aos onze (Elvio), ambos de família de origem rural, na qual o trabalho é desde muito cedo transmitido como um dever incondicional, independente da idade.

O trabalho eu já conheci desde lá no Paraná quando [...] eu era pequenininho [...] Tinha 7 anos. Eu ia trabalhar na roça, minha mãe [me] levava, mandava eu colher algodão isso e aquilo [...] Todo mundo brincava comigo. E [a minha mãe] falava: “Oh, ‘fio’ você tem que fazer isso porque um dia você vai crescer e você tem de saber o que que é a vida”. *E lá eu brincava no meio do capinzal, ajudava minha mãe ‘baná’ café, [...] colher algodão, arroz, café; fazia tudo lá.* (Wellington)

Nesse caso, a temporalidade do brincar cruza-se e mistura-se com a temporalidade de trabalhar, o trabalho passando a ser um valor para os filhos dos pobres mesmo quando ainda crianças. Um valor aprendido e embrionado na prática da labuta.

Conforme José de Souza Martins (1997), na percepção e vida dos trabalhadores rurais “o trabalho é missão e missão familiar. A família se mantém através do trabalho de todos os seus membros, independentemente da idade” (p. 125). O jovem Wellington foi criado nessa ótica, concebendo e praticando o trabalho como missão que tinha de ser feita. Isto ocorreu tanto por sua mãe não ter onde deixar a criança e pelo auxílio que lhe podia dar durante o trabalho, quanto pela transmissão do valor moral do ato de trabalhar.

Na roça, a infância mistura o lúdico com o trabalho, brinca-se trabalhando e não se brinca de trabalhar. A consequência é que o trabalho precoce raramente permite o investimento contínuo e duradouro na escola; logo, quando essa criança se torna adulta, dificilmente consegue trabalhar brincando, pois, comumente, terá como ocupação um trabalho penoso, onde o lúdico, provavelmente, não encontrará espaço.

O outro caso ilustrativo de trabalho infantil é o do Elvio, cuja família, diferentemente do anterior, dispunha de uma certa estabilidade econômica para sustentar os três filhos. Entretanto, os gastos com os filhos referiam-se somente a alimentos e roupas – isso era uma prescrição moral na casa. Padeiro aos onze anos de idade, ele dividia a escola com o trabalho, para tentar ter acesso à própria infância. Uma criança que acordava às cinco horas da manhã para trabalhar como padeiro, fazendo e carregando pão pelas ruas, vendo a infância passar ao largo, assistindo à meninice do outro, que brincava de bola na rua. Trabalhava como um adulto, mas com objetivos diferentes; desejava comprar seus brinquedos, o pião, a linha de pipa ou o doce. Trabalhar como adulto, porém, para comprar sua infância que queria escapar de suas mãos e que ele teimava em segurar.

Personalizando o Trabalho

Direcionando o olhar agora para o interior da fábrica apresentam-se as formas singulares em que cada jovem lida com suas tarefas. As atividades na produção não são realizadas sob fórmulas inteiramente pré-determinadas, elaboradas externamente ao trabalhador. No chão de fábrica o trabalhador utiliza recursos que se adaptem melhor à sua pessoa, tentando conciliar comodidade com qualidade e produtividade, nos objetos que fabrica.

É carregando argamassa para cima de carrocerias de caminhões que o jovem Wando, ajudante de produção de uma indústria química de Jandira, passa quase todo o seu dia. São duzentas sacas de argamassa para completar um caminhão. Essas sacas, carregadas primeiramente pelas máquinas empilhadeiras, vêm sobre um *pálite*⁵, onde cabem setenta e duas embalagens. A empilhadeira traz o *pálite* próximo ao caminhão e, a partir daí, Wando carrega ou *bate* cada uma das sacas de argamassa para cima do caminhão sobre suas costas. O cansaço, a rotina e a dor lombar por executar cotidianamente esses movimentos levaram-no a desenvolver um recurso que o faz despendar menos força. Ele tenta um acordo com o motorista e, se esse aceitar, leva os *pálites* prontos diretamente da empilhadeira para cima do caminhão. Para isso, tem de contar com o acordo e ajuda do motorista, que deve abrir as grades do caminhão. Ele conclui: “A gente trabalha assim: o que pode simplificar a gente simplifica”.

Tornar o trabalho mais simples, menos agressivo, menos monótono, menos bruto. Realmente, não só sua vida é simplificada ao preservar a sua saúde, mas

⁵ Pálite é uma tábua sobre a qual é colocada a argamassa embalada.

também os motoristas do caminhão e da empilhadeira auferem benefícios desse acordo tácito, por terminarem o trabalho mais cedo e poderem, eventualmente, ter um momento a mais de folga. Dessa forma, estabelecem uma espécie de ética entre eles, trabalhadores, cujo exercício traz bem-estar para todos.

Ao invés de montar cada unidade de espelho de retrovisor e colocá-la logo na caixa, Kely monta dez espelhos e só então os empilha dentro da embalagem, para serem levados a outro setor da fábrica, onde serão encaixados nos retrovisores. Agindo assim pode aumentar sua produtividade e manter seu emprego temporário por mais algum tempo.

Controlando a ordem em que fabrica as peças, primeiro as que utilizam placas pesadas e depois as leves ou o inverso, o operador de máquina especializada CNC⁶, Jorge, objetiva despendar menos força, energia e tempo.

Elton, inspetor de qualidade tridimensional, por trabalhar no setor de medição e de controle, tem de estar constantemente conferindo as peças. Com o transcorrer do tempo, percebeu que, raramente, ocorria algum erro nas peças e, por isso reduziu a frequência com que realizava a inspeção. Essa atitude não visa burlar o bom funcionamento do trabalho; pelo contrário, busca efetivar as exigências que lhe são feitas. Ao ter de cumprir nove horas e cinco minutos de produtividade diária, ele tenta simplificar uma parte do trabalho, em que considera desnecessária uma vigilância intensa, e se empenhar em outras tarefas consideradas indispensáveis, que viabilizam a produção.

Para garantir o controle de qualidade, o posicionamento da peça sobre a máquina que realiza a inspeção de medida obedece a dois métodos, o matemático e o físico, usando-se mais tempo para este, que busca fazer coincidir o lugar exato entre peça e máquina. A jovem Karina, inspetora de medida em uma montadora no ABC, utiliza o primeiro método, o matemático. Para reduzir seu tempo fazendo o posicionamento, ela joga com a probabilidade do encaixe entre peça e máquina, dada a experiência de que dispõe executando essa tarefa. Desse modo, não esbanja tempo arrumando a peça na máquina.

Dejours (1992) salienta que as defesas utilizadas pelo trabalhador são um confronto ao tempo, ao ritmo, à cadência e à própria organização do trabalho no ambiente fabril. A atitude do trabalhador, ao buscar e praticar estratégias de proteção sai do campo simbólico das intenções e avança para resultados efetivos, à medida que relata o usufruto dos benefícios atingidos na defesa do seu bem-estar.

Se há regras preestabelecidas sobre o modo de desenvolver a atividade e esse padrão organizacional acaba, na prática, por se converter em desvantagens para o trabalhador, ele busca meios de amenizar os malefícios. Quando tais regras não são manifestas, eles buscam meios para elaborar alternativas que abreviem o esforço no trabalho, não necessariamente objetivando burlar as regras. Os recursos buscados pelos jovens trabalhadores são maneiras de gerar defesas para si próprios.

⁶ CNC – Comando Numérico Controlado, uma espécie de torno automático, porém controlado por computador.

De modo geral, com o passar do tempo, o trabalhador desenvolve uma maneira própria de executar a sua função, em cada gesto, em cada movimento. Esse jeito de cumprir as tarefas, essa característica subjetiva da função, maleável em cada trabalhador, porém pessoal e intransferível, é o que personaliza o seu trabalho.

Estratégias para Burlar as Doenças do Trabalho

A rotina do trabalho no chão de fábrica acaba por acarretar doenças para o corpo do trabalhador, doenças de que alguns deles desconhecem a origem e, menos ainda, a prevenção, enquanto outros não só conhecem como também elaboram estratégias de autoproteção.

As preocupações acerca da saúde do trabalhador, notadamente as estratégias utilizadas para evitar problemas de saúde, são definidas por Sato (1998) como *replanejamento negociado do trabalho*, que consiste num processo que volta às condições originárias do planejamento, questionando-o, sugerindo e praticando novas formas de trabalhar adaptáveis às realidades cotidianas pessoais e culturais dos trabalhadores.

Operando máquina numa montadora, Elvio levanta manualmente 2,2 kg de peças, no mínimo 2.400 vezes por dia. Todo esse esforço é feito repetitivamente, apoiando o peso principalmente em um único braço e caminhando sempre de um mesmo lado para seguir a posição da máquina. O jovem lamenta o seu cansaço por ter de carregar todo esse peso, andar como se fosse um caranguejo e percorrer um percurso que somado atinge 40 km. Embora ele aceite essa situação não se resigna ao desconforto do seu trabalho; pelo menos na intenção, esforça-se ao máximo para mudá-la, buscando caminhos alternativos para aliviar seu sofrimento. O jovem tenta viabilizar um meio de racionalizar o tempo, o movimento e o esforço que despende no seu trabalho, inventando um modo de adaptá-lo às suas condições pessoais, ao seu modo de fazer, planejando a criação de uma engenhoca.

Há grande interação do trabalhador com o seu trabalho, não se conforma ao exercício de um trabalho rotineiro; pelo contrário, atua no processo e tenta colocar-se como sujeito, como ser pensante e capaz não só da crítica, mas da predisposição e da capacidade de mudar parcela do sistema, alterando sua vida fabril.

O jovem Emílio, torneiro revólver de uma pequena metalúrgica de São Paulo, destaca que, em sua máquina, utiliza muito um botão que liga o óleo, que deve ser acionado diversas vezes ao dia e se localiza numa posição baixa demais, exigindo a curvatura de sua coluna vertebral para alcançá-lo. Também necessita acionar o botão geral, localizado bem acima do outro, porém apenas poucas vezes ao dia, quando liga e desliga a máquina. Por isso, ele sugeriu ao seu patrão inverter a ordem dos dois botões.

O trabalhador não se acomoda simplesmente ao modo técnico de trabalhar; busca meios para aliviar a dor do corpo que os movimentos repetitivos lhe impõem. Para impermeabilizar a parte inferior do carro, inicialmente, o jovem Alex curvava a coluna, o que lhe trazia dores nas costas; posteriormente, optou por dobrar os

joelhos, o que lhe acarretou problemas no joelho e tornozelo. A nova solução foi misturar esses dois movimentos, revezando-os para minimizar as dores.

O teor desses relatos é bastante elucidativo da tentativa de o indivíduo fugir daquilo que lhe causa mal, daquilo que explora o seu corpo. Os indivíduos, cada qual do seu jeito, não são passivos; reagem a tudo aquilo que tenta subjugar e usurpar o seu bem-estar. Essa é a arte de viver: empenhar-se em trazer para a vida, a cada instante, a alegria de viver. Os indivíduos recusam a dor, o sofrimento, a tristeza, a insatisfação, a alienação; são seres criadores e defensores de sua existência e de sua causa.

O Uso do Ócio no Trabalho

A produção, chão de fábrica, embora seja caracterizada sobremaneira pela cadência, pode apresentar brechas que o trabalhador aproveita, de modo a recuperar sua condição humana, sua saúde e seu bem-estar.

Um dos pesquisados, Alex, que trabalha em uma montadora no ABC como preparador de carroceria, usa das falhas de funcionamento existentes na linha de produção para ler livros. O jovem aproveita e usa as falhas do próprio sistema produtivo, transformando os malefícios em benefícios para o seu corpo e sua mente, recuperando o humano que teima em não se esvair em meio às atividades repetitivas que embrutece sua criatividade. A alegação dele para ter recorrido à leitura durante essas falhas foi, exatamente, a busca de um recurso terapêutico para se afastar da desumanização que o modo de trabalho repetitivo provoca nas atitudes e pensamentos do trabalhador. Ele certifica que seu objetivo era: “não deixar que aquele método de produção fizesse com [que] a minha mente também ganhasse uma linha de... pensamento”.

Vislumbra-se aqui a recusa demonstrada pelo trabalhador, no sentido de não permitir que a cadência do trabalho dite regras para sua vida fora do trabalho. Assim, ele reage em defesa dos valores que preza e tenta, insistentemente, mantê-los às expensas das atitudes que a própria fábrica lhe impõe.

A leitura realizada em meio aos seus tormentos, experienciados no coração da fábrica, era vivida como sessão de relaxamento, uma estratégia sábia de sobrevivência e autoproteção, na qual o corpo, ao viver no limite do resistível, recebe uma resposta defensiva da mente que impede que a loucura se abata sobre o trabalhador. É a capacidade de resistência do trabalhador.

Essa negociação que o trabalhador faz consigo mesmo acaba por garantir-lhe condições psicofísicas para continuar no trabalho, ser um indivíduo sociável e aparentemente grato pelo lugar que ocupa na sociedade, embora sem se eximir de fazer autocríticas sobre o papel que desempenha.

A Satisfação de Trabalhar

Analisar a satisfação profissional dos jovens operários foi um dos objetivos desta pesquisa; todavia por se tratar de um tema extremamente fugidioso percebeu-se que não era possível se remeter a ele pensando em graus de satisfação, mas, antes, o referindo às histórias singulares dos jovens, examinando-as em separado. Assim, é por intermédio das experiências de vida de cada jovem que se consegue compreender a sua satisfação de trabalhar e, especialmente, a importância que atribui ao trabalho.

Com um filho recém nascido para criar, o jovem Wando considera-se satisfeito na atual ocupação que exerce, ajudante de produção, realçando que muitas pessoas desempregadas, passando privações, desejariam receber metade do seu salário para fazer sua função. Assim, tendo como parâmetro o cenário do desemprego e a família que tem de prover, o jovem qualifica sua função como satisfatória. Todavia, não sem realizar uma retificação acerca da parcialidade dessa satisfação, o jovem alude, adicionalmente, que pode melhorar em seu trabalho, ocupando função na qual use menos a força física e mais as atividades intelectivas.

Trilhando a mesma vereda, o jovem Wellington, referindo-se ao apreço que tem por seu trabalho, pontua que, nos dias de hoje, ficar desempregado é algo bastante árduo e que por isso se esforça ao máximo para poder continuar no seu emprego. Sua satisfação aparece maquiada pela apreensão quanto ao desemprego, pelo referencial de haver muita gente desocupada; logo, o estar empregado confere satisfação relativa – é preferível a estar sem emprego. Promovido, há três meses, da ocupação de ajudante de produção para auxiliar de laboratório e, provavelmente, por esse motivo, o jovem Wellington encontrava-se um tanto eufórico com relação à sua ocupação.

O jovem não se identifica com uma ocupação monótona, sua satisfação pelo trabalho tem na promoção uma de suas causas. O estar mudando e a esperança de mudar, sempre para uma situação melhor, é que parece alimentar seu júbilo por estar trabalhando. Logo, esse vínculo entre a satisfação e o dinamismo na ocupação, mediado pela promoção, leva a configurar o apreço do jovem pelo seu trabalho.

À feição de Wellington, Erica, devido à recente promoção, mostra-se mais exuberante e atraída pelo trabalho que desempenha no momento, notadamente, por conta do desafio, do estar fazendo algo novo, que pode mostrar e atestar o seu potencial de assimilação e, conseqüentemente, dar-lhe reconhecimento profissional.

Trabalhando como ajudante de produção em uma fábrica de móveis, Davi acena: “Eu até acho... [que] me sinto satisfeito [...] não é que eu goste, goste assim, mas é uma coisa que você tem que tar trabalhando, você tem que tar fazendo”.

O modo como expressa o gostar de sua ocupação vem carregado de restrição (“*não é que*”), dúvida (“*até acho*”) e obrigação (“*tem que*”). Fica patente, mais uma vez, que satisfação não deriva exatamente do que faz, mas do estar fazendo algo ou, simplesmente, de não estar desempregado. A satisfação vem, a reboque da possibilidade de uma fonte de renda, do sentimento de ser útil, ainda que numa função não almejada.

Diversamente desses jovens está Alex, há cinco anos ocupando o mesmo posto de trabalho, preparador de carroceria, que em depoimento ímpar testemunha: “Eu... não gosto do que eu faço, eu não aprendi a gostar, eu não vou [...] [gostar], eu aprendi a lidar com o meu trabalho”. O jovem sinaliza, assim, a idéia já esboçada acerca do vínculo consubstancial entre satisfação no trabalho e possibilidades reais de promoção ocupacional. Vendo-se distante das oportunidades de alcançar melhor ocupação na fábrica em que trabalha, Alex acabou por desenvolver certa repulsa e uma atitude de insurreição contra sua ocupação.

A estima que esses jovens manifestam pelo trabalho exercido também vem acompanhada de dissabor. Trata-se de uma relação ambígua, haja vista os referenciais divergentes tomados como fatores de cotejamento entre si. Invariavelmente vislumbra-se um certo antagonismo nos relatos dos jovens. Um mesmo jovem pode ter posicionamentos distintos e aparentemente contraditórios, porém perfeitamente justificados, relacionados aos seus argumentos e significados em relação às suas experiências de vida na labuta.

Elvio, que reclamara de sua condição atual de sofrimento, na função repetitiva de operador de máquina, trabalhando como se fosse um *caranguejo* ao andar de lado o dia todo para seguir o movimento da linha de produção, depois, quando compara essa mesma ocupação com as já exercidas anteriormente, considera-a boa. Assim, embora essa avaliação contenha contradição, trata-se de ambigüidade que se justifica, na medida em que é posta diante das experiências de vida do jovem, acabando por conferir sentido ao fato de ele gostar e ao mesmo tempo desgostar da ocupação exercida atualmente, pois tudo depende do que se está tendo como referência para fazer a avaliação.

Avaliar o gosto por certo assunto implica sempre ter algo já experienciado ou conhecido de alguma forma, para poder estabelecer uma comparação e, finalmente, chegar a alguma conclusão. É dessa forma que o tema da relação subjetiva do trabalhador com a sua função deve ser tratado dentro do contexto de cada experiência particular, pois a apreciação subjetiva da ocupação praticada só é precisa quando comparada com outras já exercidas por si mesmo ou por outrem.

Sua satisfação com a ocupação que exerce é classificada, por Roberto, como contendo gradações que se alteram conforme as fases de vida que vai atravessando. Atualmente, coloca-se como privilegiado em relação a muitos jovens de sua idade, dada a remuneração considerável que aufer⁷ e ao usufruto de longa lista de benefícios, diga-se de passagem, a mais extensa entre os entrevistados. Esse quadro convida-o ao bem-estar e deleite pela ocupação de mecânico de manutenção, mas, por mais confortável que seja, sua situação não o faz renunciar à mudança. Ainda que se considere satisfeito no presente, não se considerará do mesmo modo no futuro, se estagnar nessa função; por isso, estuda Administração, para não ficar inerte no lugar que ocupa atualmente, alcançando um “grau” mais alto de satisfação em sua vida profissional.

⁷ Recebe um salário mensal entre R\$ 1.201,00 e R\$ 1.500,00, estando entre os três jovens que melhor ganham.

Para mudar a vida é o título de uma das obras de Heller, na qual, citando uma frase de Hamlet (1982) – “no mundo, não existe nem o bem nem o mal; só o pensamento é que os cria” (p. 163) – ela se refere à satisfação como algo relativo. A sociedade moderna é a da insatisfação, sustenta a autora, pois, diferentemente das sociedades tradicionais, em que todos se contentavam em reproduzir o que seus ascendentes haviam feito, o indivíduo moderno prefigura seus próprios objetivos e, tão logo os alcance, imediatamente se torna insatisfeito.

Heller sugere que, na sociedade moderna, a insatisfação dos indivíduos é tanto maior quanto mais se ergue seu nível de vida; por efeito, o mundo moderno não pode ser pensado como feliz. Essa lógica acarreta a propensão dos indivíduos de não se inclinarem nem inteiramente para a felicidade nem completamente para a infelicidade. Trata-se de saber gerir essa ambigüidade no seu dia-a-dia.

A insatisfação passa a ser um valor prezado modernamente porque predispõe os indivíduos às mudanças que são constantes, preparando-os para desafios que a administração econômica da sociedade impõe para o modo de vida. Para ser flexível, versátil e ágil há que ser insatisfeito para não acomodar, estar sempre inovando; essa parece ser a dinâmica da nova sociedade; daí despontar uma certa “positividade” da insatisfação, na medida em que ela se põe como lei de sobrevivência.

Wesley diferenciou duas situações em sua vida profissional: afirmou gostar de ser eletricitista, porém não se punha como um profissional exatamente satisfeito, por avaliar a necessidade de ir atrás de algo que superasse o seu fazer atual. Essa idéia da busca incessante rumo a um trabalho melhor parece muito característica da juventude, na tentativa de controlar o porvir. As mutações que sofre no corpo e nas relações familiares são vividas igualmente na trajetória ocupacional. As mudanças e o novo são experiências que lhe são próprias.

Deslindadas as relações subjetivas que cada jovem estabelece com a sua ocupação, pode-se perceber uma similitude em todos os testemunhos, qual seja, o caráter transitório da ocupação exercida. Nesse sentido, cada jovem justifica a própria *satisfação provisória*, uma satisfação cuja durabilidade está intrinsecamente vinculada ao conceber a ocupação atual como transitória.

A Efemeridade da Ocupação Exercida

Reconhecendo a transitoriedade de sua ocupação⁸, os jovens pautam-se em bases às vezes sólidas, outras imaginárias, seja preparando-se profissionalmente ou apenas sonhando, porém, sempre com o *desideratu* de mudar de vida, de se tornar alguém dotado de valores profissionais que admire. Esse caráter transitório da ocupação teve como germe o não planejamento para a condição de operário pela maior parte deles.

Majoritariamente, a entrada desses jovens para a produção da fábrica é casual. Pode-se indagar, então, por que permanecer na fábrica se esta não é ben-

⁸ A propósito da transitoriedade da ocupação, ver Romanelli (1978).

quista de início, nem posteriormente? Permanecer no chão de fábrica é condição para sair do chão de fábrica, aceitar a condição de operário é um requisito para que filhos de operários possam construir um terreno externo do ponto de vista profissional, de fato ou apenas em sonhos.

Além de mutilar, o trabalho também oferece ao jovem a chave para sair dessa condição de opressão. É do mesmo trabalho que traz males psicofísicos que se extraem as condições básicas para libertar-se da condição de operário e galgar novos horizontes, investindo a remuneração que recebe em um curso superior que traz a promessa da mudança de vida.

O período em que esses poucos jovens projetaram, ou melhor, rascunharam um futuro operário, que, aliás, concebem como passageiro, dura poucos meses, normalmente seis meses, período exato em que estão realizando a última fase do Senai estagiando em uma fábrica. Desse modo, como já aludira Ferretti (1988a), esse projeto é elaborado na prática, o que retira dele a própria característica de projeto, enquanto intento para o futuro. O que esses jovens acabam por fazer é continuar o referido estágio, passando de aprendizes do Senai para meio-oficiais de uma fábrica, havendo somente uma mudança jurídica de nomeação de função. Portanto, eles já eram operários quando planejavam tornar-se; logo, não planejaram, simplesmente foram levados a essa condição.

Discorrendo sobre trajetórias e projetos profissionais de jovens portugueses, Pais (1993) classifica-os em duas orientações axiológicas: aqueles que constroem um *projeto de trajeto* e aqueles que dispõem apenas de um *trajeto sem projeto*. Em outras palavras, os jovens oriundos da pequena burguesia elaboram um projeto antes de executar uma trajetória profissional, enquanto os jovens operários executam uma trajetória ocupacional sem arquitetar um projeto.

Chiesi e Martinelli (1997) também aludem à problemática da falta de projeto entre os jovens italianos. De acordo com os autores, a maioria desses jovens, ao “escolher” um trabalho, não o faz segundo planejamento de carreira, mas negocia opções e oportunidades, de maneira pragmática e realista.

A maioria dos jovens belgas, pesquisados por Bajoit e Franssen (1997), igualmente, vivencia a não projeção da ocupação que exerce. Esses jovens restringem-se a dispor de um “projeto puramente virtual” (p. 86) para poderem, ao depreciar seu trabalho, evadir de si mesmos e se distanciar dele.

Amiúde tem transparecido a situação do estar trabalhando como meio peculiar utilizado pelo trabalhador, para levá-lo a traçar o seu gostar por uma função. “Aprendi a gostar [da minha ocupação]”, certificou Erica. O verbo *gostar* conjugado com o *aprender* nos informa um sentido diferenciado para satisfação. Não se trata de um gostar fruto do prazer diretamente derivado do sonho, mas de um gostar engendrado pela experiência e pela força do hábito de trabalhar. Começar a trabalhar desde cedo, viver a realidade da labuta dia após dia, preenchendo o tempo, os movimentos e os pensamentos, faz o trabalhador aprender a gostar do que faz.

O jovem Elvio, ao expor o que pensa acerca da sua condição de operário, emite uma idéia em que paira certa profecia, tratando-se de um caminho que ele tem

de trilhar: “Eu nasci... eu sou mesmo de trabalhar na graxa”. Essa perspectiva de predestinação põe sua condição de trabalho como algo que não deriva de fonte social, trazida das suas condições familiares, mas como um papel já pronto (GOFFMAN, 1975) e preparado para ele por uma deidade, exterior à sua vontade e ao seu ambiente socioeconômico. De onde brota a percepção do trabalho como obrigação moral, por sua vez presente no hábito de trabalhar.

Não obstante a própria trajetória ter se iniciado com o trabalho operário, os jovens não pensam essa condição para toda a vida; em suas falas, vislumbra-se sempre uma tentativa de tomar as rédeas do traçado do seu porvir, uma vez que não foi possível fazer isso no seu vivido. O esforço dos jovens, por ver seu trajeto profissional adquirindo feição a mais próxima possível daquela desenhada por eles, chega a ponto de fazê-los estabelecer certa hierarquização entre os próprios operários, inclusive no presente, num intento de mensurar a distância até o chão de fábrica, tendo este como um ponto de referência inicial do qual buscam se afastar. “Eu sou um operário ainda [...] só que um pouco mais acima, no caso da manutenção o nível [é o] mais elevado da classe operária”. (Roberto)

Essa diferenciação não constitui mera invenção do jovem simplesmente para recusar a condição de operário; ela se encontra materializada nas próprias cores de suas roupas. Os trabalhadores que trabalham diretamente no chão de fábrica vestem macacão azul; já os da manutenção usam o de cor vermelha ou assemelhados; essas cores passam a fazer parte do imaginário dos jovens trabalhadores, de modo a se conceberem como sendo realmente diferentes.

Opostamente, considerando-se a base da pirâmide, na hierarquia dos funcionários da fábrica, o jovem Alex, preparador de carroceria, indica que a relação dos operários com a chefia é estritamente profissional e que eles só são procurados quando há algum problema que os envolva no trabalho. No mais, é como se os operários fossem seres invisíveis. A propósito da roupa que usam, ele destaca: “Se inventaram uma roupa invisível é o macacão azul”. A situação que permite visibilidade àqueles cuja cor do macacão é azul, são os problemas que surgem no interior da fábrica, o que decorre da necessidade de atribuir uma autoria aos problemas. Nesse sentido, a visibilidade do trabalhador ressurgue por via da negatividade, ao se materializar como a razão de fatos que geram desavenças no ambiente fabril.

Periculosidade ocupacional também foi tema trazido pelos jovens como alegação para o desejo de não mais atuar na área metalúrgica. As condições físicas, químicas e biológicas do ambiente fabril põem os trabalhadores em situações de altos riscos, devido às quais o nível de morbidade apresentado por eles é superior ao do restante da população. Dejours (1992) atenta para o fato de que a longevidade dos trabalhadores industriais é de dez a quinze anos inferior àquela dos professores dos primeiros quatro anos do ensino fundamental⁹.

Seja pela inserção casual na categoria operária, pela falta de identidade com a ocupação ou pelo perigo que esta encerra, todos os jovens ora pesquisados têm

⁹ Cf. Dejours, 1992, p. 74, cuja referência está remetida ao INSEE. *Statistique de mortalité par catégorie socioprofessionnelle*, 1975.

como fíto a saída da condição de operário. A despeito de certa repetição da trajetória ocupacional paterna e da constatação da literatura de que filhos de operários se tornam operários, os jovens continuam sonhando em mudar de vida e têm na ocupação exercida uma espécie de trampolim que permitirá lançá-los rumo a outras situações dotadas de novos e melhores horizontes profissionais.

Emerge aqui o espírito da modernidade, marcada pela flexibilidade, pela mudança, pelo desafio; isso os jovens parecem ter assimilado muito bem, talvez até melhor do que os mais velhos, afigurados na imagem que trazem dos pais que se aposentaram trabalhando toda a vida em uma única empresa. Mudar, para os jovens, faz parte do viver; não é um terror, mas uma maneira de viver que a modernidade imprime sobre seu cotidiano. O tempo não é mais cíclico, pautado na previsibilidade dos fenômenos astronômicos, mas linear e cronológico, referido ao “progresso” e às suas instabilidades.

Estar operário e não ser operário. Esse parece ser um ponto de apoio quase terapêutico, utilizado por muitos jovens, de só suportarem, aceitarem, se resignarem com a condição operária por vê-la como algo provisório, passageiro.

Os jovens operários de chão de fábrica sentem-se como passantes pela condição operária, percebem sua estada na produção como uma espécie de rito de passagem rumo a uma vida melhor. Analisando sua condição, o jovem Wesley aprecia que ser operário é um começo.

Operário como infância da carreira. Novamente, a crença do jovem dirige-se para a concepção de uma situação laboral cujo caráter é transitivo. Esse começo poder-se-ia tornar contínuo e perpétuo, em especial para aqueles que precocemente concebem matrimônio e prole levando-os a permanecerem, para toda a vida, infantis em sua carreira. Contudo, mesmo casados, o sonho continua, ainda que com intenção de realização desapressada se comparada com a dos jovens solteiros.

Dispondo do estatuto de casado, ao analisar sua vida operária, o jovem Wando destacou com certo pesar: “Acho que eu vou ser operário por muito tempo”. Atente que por muito tempo não é uma perpetuidade, ele ainda sonha, sonha em, paulatina e sorrateiramente, com o domínio da arte da fleuma, sair do chão de fábrica; vê-se como um passante pela produção fabril e pela condição operária.

Para sustentar a concepção de serem passantes na condição operária os jovens se apóiam nos planos que realizam de se tornarem desde técnicos em informática, expedidores a engenheiros, médicos, arquitetos, seja por intermédio de cursos superiores que freqüentam, de economias que fazem para bancar sua formação ou simplesmente de sonhos que constroem na imaginação.

É por disporem de sonhos, fincados ou não na realidade, que esses jovens suportam viver ocupações de chão de fábrica nas quais não se configura sua identidade. Dessa feita, a quimera da profissionalização atenua “os efeitos destrutivos da precariedade cotidiana”¹⁰ e permite ao trabalhador na fábrica prosseguir.

¹⁰ Morice *apud* Lautier, 1994, p. 149, nota 30.

CONCLUSÃO

O cerne da investigação foi o de analisar o papel desempenhado pelo jovem trabalhador no mundo fabril, tendo como parâmetro a percepção que traz de sua ocupação e o valor que atribui à esfera trabalho em sua cotidianidade.

Em sua fala o jovem operário recusa o lugar que ocupa no mercado de trabalho, por considerá-lo desarticulado daquele a que aspira. Na medida em que essa recusa é expressa delineia-se não somente um conflito entre sujeito do trabalho e oportunidades e condições de trabalho, mas também uma crítica que esse sujeito endereça ao sistema produtivo. Tal crítica, embora não mobilize ações coletivas efetivas, explicita o caráter ativo do trabalhador enquanto indivíduo que, longe de ser passivo, manifesta a resistência individual que vivencia no interior da sociedade, mais especificamente no chão de fábrica.

O jovem operário não dispõe de identidade endereçada à ocupação específica que exerce, visto que, frequentemente, ela não é o que ele realmente almeja para si. O estabelecimento de vínculos de identidade se constrói e é reafirmado pelo trabalhador quando voltado para algo que é motivo de brio e satisfação. Como isso não ocorre, ele rejeita-a. Isso não significa que esse jovem não disponha de identidade de trabalhador. Esta está remetida ao trabalho enquanto atividade, ao ato em si de trabalhar. O trabalhador não se identifica com a ocupação concreta que executa, mas com aquela que sonha.

Subjetividade do trabalhador e realidade do mercado de trabalho são duas instâncias que estiveram constantemente em conflito e, ao mesmo tempo, em negociação pelo jovem trabalhador ora investigado. Dessa feita, embora esse jovem traga consigo expectativas profissionais para atuar em determinada função, as metamorfoses do mercado, em especial desencadeadas por mudanças técnicas e tecnológicas, acabam por forçá-lo a refazer seus planos profissionais, sem abandonar definitivamente, mas protelando, esses planos trazidos já antes de se inserir na vida ativa.

O indivíduo só consegue viver edificando uma imagem de si que estabeleça congruência entre sua subjetividade e sua prática social, tornando-se portador de uma identidade não necessariamente fincada na realidade, podendo ser apenas “uma *representação* de sua identidade” (BERTRAND, 1989, p. 37). A relevância dessa representação assenta-se no fato de que é ela que comunica e regula o porvir das atitudes e posições dos indivíduos no interior da sociedade. Assim, o desejo de alforria dos indivíduos ditos livres, configura-se, na esfera simbólica, não somente como um “dizer [...] mas um fazer que antecipa o gozo no plano imaginário daquilo que pode ser esperado como uma realidade vindoura”. (p. 28-29)

O desejo do jovem operário por uma outra profissão, na qual possa identificar sua auto-imagem, apresenta-se como uma representação do seu modo de ser confrontado com o seu modo de estar, aparentemente simples quimera profissional, mas efetivamente velando um embate que busca construir uma nova identidade para, posteriormente, renunciar ao que foi sujeitado a consentir durante certo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta/Anpocs, 1994.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 3.ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1995.
- BAJOIT, Guy; FRANSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5-6, p. 76-95, maio/dez. 1997.
- BERTRAND, Michèle. O homem clivado: a crença e o imaginário In: SILVEIRA, Paulo; DORACY, Bernard (Orgs.). *Elementos para uma Teoria Marxista da Subjetividade*. São Paulo: Vértice, 1989.
- BOTH, Elizabeth. *Família e rede social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Comentários. *Revista Subjetividades Contemporâneas*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 18-25, 1997.
- CHIESI, Antonio; MARTINELLI, Alberto. O trabalho como escolha e oportunidade. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5-6, p. 110-125, maio/dez. 1997.
- DAUSTER, Tania. Uma infância de curta duração: trabalho e escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 82, p. 31-36, ago. 1992.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5.ed., ampl. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.
- FERRETTI, Celso J. Trajetória ocupacional de trabalhadores das classes subalternas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 66, p. 25-40, ago. 1988a.
- _____. *Opção trabalho: trajetória ocupacional de trabalhadores das classes subalternas*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988b.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho e conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos. In: GOMEZ, Carlos M. et al (Orgs.). *Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1995. p. 13-26.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- HELLER, Agnes. Carecimentos e valores. In: —. *Para mudar a vida: felicidade, liberdade e democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Entrevista a Ferdinando Adornato; trad. De Carlos N. Coutinho).
- JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático de linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- LAUTIER, Bruno; PEREIRA, Jaime M. Representações sociais e construção do mercado de trabalho: empregadas domésticas e operários da construção civil na América Latina. *Cadernos CRH*, Salvador, n. 21, p. 125-151, jul./dez. 1994.
- MADEIRA, Felícia R. Trabalho: a roda viva do mercado. *Tempo e Presença*, São Paulo/Rio de Janeiro, n. 240, p. 9-12, abr. 1989.
- MARTINS, Heloísa H. T. de S. (1997). O jovem no mercado de trabalho. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5-6, p. 76-95, maio/dez. 1997.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

ROMANELLI, Geraldo. *O provisório definitivo: trabalho e aspirações de bancários em São Paulo*. 1978. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SATO, Leny. *Replanejamento negociado do trabalho*. 1998. (mimeo)

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e valor. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 147-158, out. 1996.

THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. 3. ed. São Paulo: Polis, 1982.

Abstract: *The premature insertion of the worker young in the labour's world aims to fill in the familiar income, the affirmation of his autonomy and the execution of the symbolic value that he awards for the labour. However, the fact that he belongs a class stratum whose income is low, his little educational qualification, above all the professional, and the scarce opportunities offered him by the labour market, constitute obstacles for this worker young to occupy a craft that satisfy him subjectively. The approach of this research consists of focusing and examining the conflict between real work and subjective aspiration and also the strategies used by the young workess to overcome it, at the same time that they search to outline their workers' identities.*

Keywords: *work; youth; worker; value; subjectivity; profession.*